

Ricardo Setti

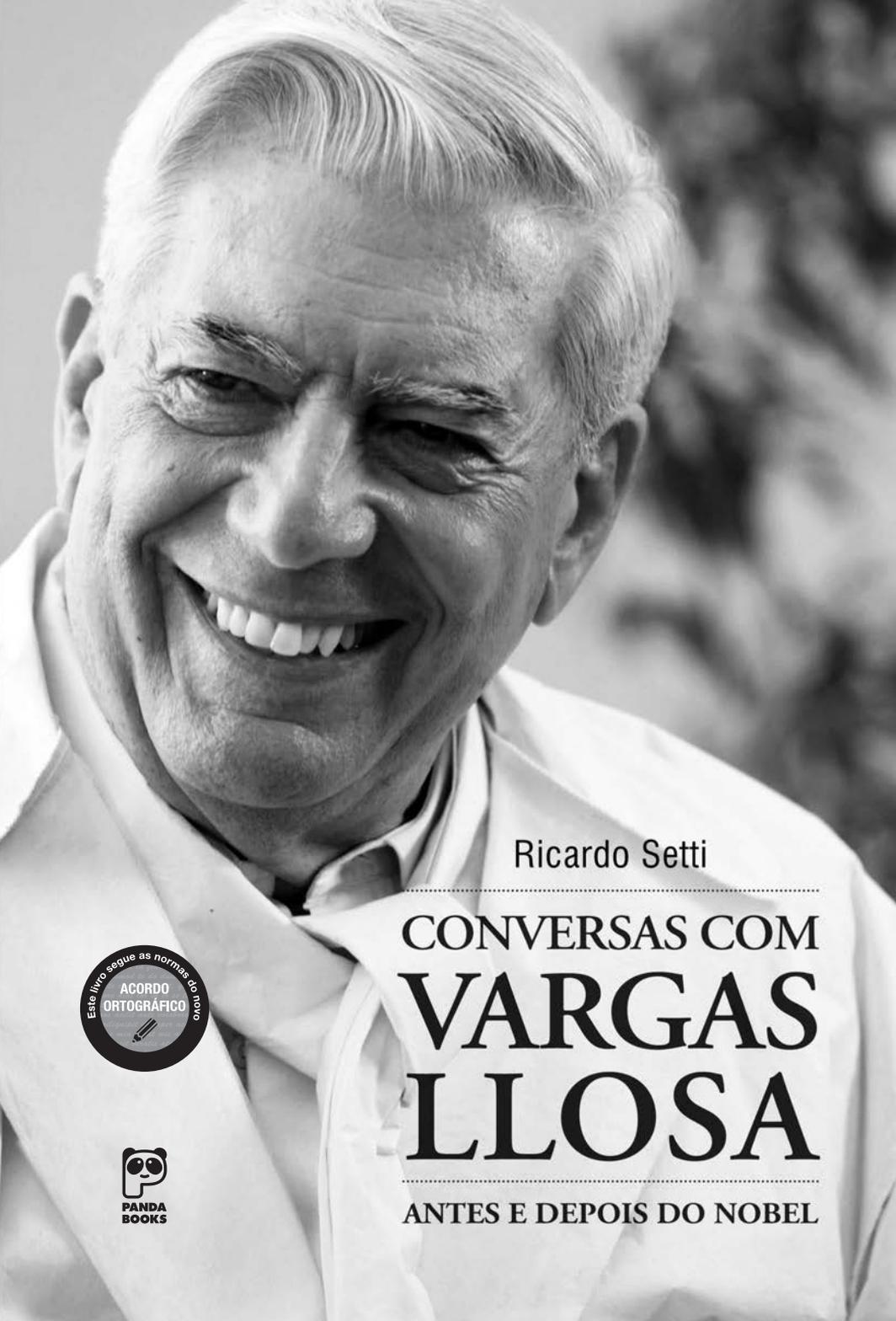
---

CONVERSAS COM  
**VARGAS**  
**LLOSA**

---

ANTES E DEPOIS DO NOBEL

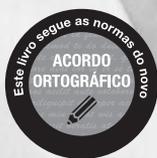




Ricardo Setti

CONVERSAS COM  
**VARGAS  
LLOSA**

ANTES E DEPOIS DO NOBEL



© 2011 Ricardo Setti

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Coordenadora editorial  
*Tatiana Fulas*

Assistente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*

Assistente de arte  
*Alex Yamaki*

Estagiária  
*Leika Regina Inoue*

Projeto gráfico  
*Alex Yamaki*

Diagramação  
*Estúdio Mondo*

Fotos  
*Anibal Solimano (p.24)*  
*Alexandre Battibugli (p.180)*  
*Latinstock (capa)*

Preparação  
*Rita Narciso Kawamata*

Revisão  
*Ana Maria Barbosa*  
*Juliana de Araujo Rodrigues*

Impressão  
*Orgrafic*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

2.ed.

Vargas Llosa, Mario, 1936-  
Conversas com Vargas Llosa/ Ricardo Setti. – 2.ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2011. 232 pp.

ISBN: 978-85-7888-160-3

1. Vargas Llosa, Mario, 1936- – Entrevistas. 2. Escritores peruanos  
– Entrevistas. I. Setti, Ricardo A. II. Título.

11-6063

CDD: 928.61  
CDU: 929:821.134.2(85)-3

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books  
Um selo da Editora Original Ltda.  
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41  
05413-010 – São Paulo – SP  
Tel./Fax: (11) 3088-8444  
edoriginal@pandabooks.com.br  
www.pandabooks.com.br  
twitter.com/pandabooks  
blog.pandabooks.com.br  
Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

A meu netinho André Cortizas Setti, com meu amor e a certeza de que ele vai colaborar intensamente, ao longo de sua vida, para que este mundo seja mais justo, mais fraterno e mais belo.



## Agradecimentos

Agradeço à Editora Abril pela cessão do material da entrevista realizada com Mario Vargas Llosa como parte dos *Diálogos culturais ao meio-dia*, e à revista *Veja*, na pessoa do diretor de redação, Eurípedes Alcântara, e dos editores Diogo Schelp e Jerônimo Teixeira, pelo uso da gravação feita antes, durante e depois da entrevista do escritor às “Páginas Amarelas”. Agradeço também à jovem jornalista Domitila Becker, meu braço direito (e às vezes também o esquerdo) na feitura do blog que publico em *Veja*, que fez a fineza de transcrever, já traduzindo, o áudio do vídeo da entrevista. Finalmente, por ter me autorizado a utilizar, no texto de apresentação, partes da matéria que escrevi para a edição de novembro de 2010 da revista *Bravo!*, sou grato a seu diretor de redação, João Gabriel de Lima.



Pequena história do entrevistado e da entrevista .....	15
--	----

## Parte 1: Antes do Nobel

1 AMIGOS E NÃO AMIGOS (NOS LIVROS E NA VIDA) .....	27
O que lê o escritor .....	27
A preferência por Borges.....	29
Um porre com Neruda .....	31
O carinho por Jorge Amado .....	34
Outros amigos no Brasil .....	36
Ernesto Cardenal: Demagogo e farsante .....	38
A briga com García Márquez.....	40
A amizade com Cortázar .....	41
Amizade e política .....	44
2 OS LIVROS: COMO FORAM FEITOS (E PROJETOS PARA O FUTURO) ...	45
<i>A guerra do fim do mundo</i> , o preferido.....	45
O deslumbramento com <i>Os sertões</i> .....	47
Da Bahia a Washington .....	49
A viagem ao sertão.....	50
Críticas hostis.....	52
Fanatismo e intolerância.....	53
Entendendo o conselheiro .....	54
Os personagens e sua origem .....	57
<i>A Guerra...</i> ou <i>Conversa...</i> .....	61
História de <i>História de Mayta</i> .....	63
Limites da verdade histórica .....	64

Homossexual por quê? .....	67
Como surgiu <i>Tia Júlia</i> ... ..	68
A origem de <i>Pantaleão</i> ... ..	71
Um filme frustrado .....	73
Hierarquia e perversão .....	74
<i>Conversa na catedral</i> .....	75
O novo romance .....	77
Um livro sobre a avó de Gauguin .....	80
Outros projetos .....	82
3 COMO É O OFÍCIO (E A PAIXÃO) DE ESCREVER .....	84
Como se escolhe um tema .....	84
O humor está em recesso? .....	86
Como se faz um livro .....	87
Das nove às duas da tarde .....	90
Existe inspiração? .....	92
As fichas e a vida dos personagens .....	94
Escrever no exílio foi mais fácil .....	97
A difícil volta ao Peru .....	100
Paixão e profissão .....	103
Vídeo e literatura .....	106
4 ASSUNTOS PESSOAIS:	
A FAMA, O SEXO, A FAMÍLIA; AS DROGAS, O DINHEIRO, O LAZER ...	109
O lado terrível da fama .....	109
A fama e as mulheres .....	114
História do casamento .....	115
O lugar do amor e do prazer .....	116
A iniciação sexual .....	117
A experiência com a cocaína .....	119

As drogas e os filhos.....	120
O sexo e os filhos.....	122
Rotina, trabalho e lazer.....	123
O prazer pela aventura de viver .....	124
Esportes e cuidados com o corpo.....	125
Quanto ganha e o que possui .....	128
Os arquivos de um escritor.....	130
A ânsia pelo anonimato .....	131
5 A POLÍTICA: MARXISMO, LIBERDADE, DEMOCRACIA; PERU, CUBA, NICARÁGUA .....	133
O escritor e a política .....	133
Cultura e barbárie .....	137
O entusiasmo inicial por Cuba.....	138
O caso Padilla e a ruptura.....	140
Fidel e os homossexuais .....	142
Com Tomás Borge em Manágua.....	143
Uma proposta ofensiva .....	145
O poder usa o escritor .....	148
Igualitarismo não é justiça.....	148
A mãe do Che Guevara .....	151
Luta armada e Sendero Luminoso .....	152
O fracasso da “Revolução Peruana”.....	154
Alan García: Prós e contras.....	156
Na lista negra do Sendero.....	158
O massacre dos jornalistas .....	158
A exploração política do caso .....	159
Humilhação e calúnias .....	161
Arrependimento, não .....	163
Nicarágua: As chances da liberdade .....	164

Reagan e a Nicarágua .....	166
Responsabilidades e erros dos Estados Unidos .....	168
A Europa não se importa.....	171
Existe uma saída para a América Latina?.....	173
O que sobrou do Vargas Llosa marxista .....	175
Uma mistura de González com Thatcher .....	176
O sentido de escrever.....	178

## **Parte 2: Depois do Nobel**

<b>1 SOBRE O PRÊMIO NOBEL E O OFÍCIO DE ESCRITOR .....</b>	<b>183</b>
Sobre o Nobel .....	183
O assédio causado pelo prêmio, e o dinheiro dele .....	185
Sobre unanimidades .....	185
Viver como se fôssemos imortais .....	186
Escrever sobre a própria vida e, nela, o papel do escritor .....	188
O escritor deve cultivar suas neuroses .....	190
<b>2 UM ESCRITOR CANDIDATO: LITERATURA, POLÍTICA E PODER ....</b>	<b>192</b>
O poder, seus malefícios e a candidatura a presidente .....	192
Participação política e qualidade literária .....	194
O escritor e a realidade que o cerca.....	196
<b>3 O SONHO DO CELTA E NOVOS PROJETOS .....</b>	<b>199</b>
Como surgiu <i>O sonho do celta</i> .....	199
Um personagem real e fascinante.....	200
Congo: “Eu acreditava que conhecia o horror” .....	202
Um país desgraçado e a responsabilidade da Bélgica .....	204
Muitos projetos e falta de tempo .....	205
História policial que não é policial.....	206

A peste e os contos .....	207
A literatura ajuda a suportar a vida .....	208
4 UMA SUPOSTA IDENTIDADE CULTURAL LATINO-AMERICANA E O NACIONALISMO.....	209
Identities, só individuais.....	209
A esquerda só não fracassou no controle da cultura.....	212
5 POLÍTICA: UMA NOVA AMÉRICA LATINA.....	215
“Estou menos pessimista” .....	215
A América Latina mudou para melhor.....	216
Os exemplos de Brasil, Uruguai, Chile e Peru.....	217
Uma direita democrática .....	219
Consensos .....	221
Lula: Democrata no Brasil e amigo de ditadores estrangeiros ..	221
“Esquerda esquemática” e o politicamente correto .....	223
Sobre a satanização do liberal.....	224
Sem a iniciativa empresa privada não há desenvolvimento ..	225
O liberalismo impregnou até a esquerda .....	226
6 UMA EXPERIÊNCIA NOVA: SER ATOR .....	227
“Vivo onde meu trabalho me leva a viver” .....	227
A ideia de ser ator.....	227
No palco, o medo e uma “experiência belíssima” .....	230
“Morrerei escrevendo à mão” .....	231



## Pequena história do entrevistado e da entrevistista

A bruma do Pacífico ainda não se dissipou sob o sol das sete da manhã e aquele homem moreno, espigado e bem-apeσοado, vestindo roupa esportiva, já está em atividade pelos arredores do *malecón* Paul Harris, uma alameda que serpenteia o promontório voltado para o mar no elegante bairro de Barranco, em Lima, Peru.

Os moradores das belas casas das redondezas já estão acostumados: é o vizinho famoso, o escritor Mario Vargas Llosa, correndo seus quatro ou cinco quilômetros, como faz religiosamente seis dias por semana, seja qual for o clima.

Quando o conheci e o entrevistei durante três longas tardes para a revista *Playboy*, em dezembro de 1985, Vargas Llosa, próximo dos cinquenta anos de idade, tomava um banho após a corrida, fortalecia-se com um bom café da manhã e, pontualmente às 9:00 horas, sentava-se à escrivaninha de seu amplo e bem-iluminado escritório para começar um novo dia. Como uma “ginástica, uma espécie de calistenia”, para aquecer os misteriosos recursos de ficcionista que nem ele sabe explicar de onde vêm, invariavelmente iniciava o trabalho passando a limpo, reescrevendo e corrigindo, na máquina de escrever, parte do que na véspera redigira à mão.

Faz isso até hoje, só que no computador. Depois de algum tempo, começava a elaborar fichas sobre personagens atuais ou futuros, realizava pesquisas ou rascunhava ideias. Até retornar ao texto em andamento, que na manhã seguinte repassaria pela máquina de escrever.

Nada nem ninguém, a partir daí, era capaz de interrompê-lo antes das duas da tarde, quando almoçava e preparava-se para uma tarde de atividades variadas. (Consegui me infiltrar em três dessas tardes, em dias consecutivos, em sessões de entrevistas de até três ou quatro horas cada.) Era esse, e ainda é, seu segredo como escritor prolífico e como polemista presente a cada semana em jornais do mundo inteiro: disciplina monástica. Quando não está viajando para uma constante mistura de trabalho, curiosidade e lazer – o que hoje em dia lhe consome de quatro a cinco meses por ano –, ele trabalha como escritor das 9:00 às 14:00 horas todos os dias, de segunda a sábado. Reserva as manhãs de domingo para artigos sobre temas de atualidade, na maioria das vezes de cunho político.

Nascido em 1936, em Arequipa, no Sul do Peru, Vargas Llosa viveu na Bolívia até os oito anos de idade e virtualmente só conheceu o próprio pai aos dez anos, quando seus pais, separados, se reconciliaram. Até então, julgava-o morto. Filho único de uma família de classe média com ramificações pela elite peruana – seu avô materno era primo-irmão de um presidente da República –, estudou num colégio militar (experiência marcante a ponto de lhe inspirar o primeiro romance, *A cidade e os cachorros*), antes de seguir o caminho tradicional da faculdade de direito na Universidade de San Marcos, de Lima, a mais antiga das Américas, fundada em 1551, onde se formou numa profissão que nunca exerceria.

A faculdade, porém, serviu para iniciá-lo na militância política – foi ali que flertou com o marxismo, que depois abandonaria e passaria a combater tenazmente – e lhe abriu as portas para uma bolsa de estudos na Espanha.

No exterior, longe de tudo o que o deixava indignado em seu país, Vargas Llosa pôde finalmente dedicar-se de fato à vocação que

sentiu desde criança: a literatura. Antes de obter a bolsa, casado precocemente aos vinte anos com uma tia por afinidade 12 anos mais velha, ele chegara a ter sete diferentes empregos ao mesmo tempo para poder sobreviver.

No exterior, viveria de 1958 a 1974 – basicamente em Barcelona, Paris e Londres, com temporadas em outros países, como Estados Unidos e Porto Rico, para cursos e conferências.

O regresso ao Peru se deu em 1974 – e Vargas Llosa mergulhou de cabeça em uma realidade explosiva. Tendo apoiado algumas das propostas de mudança feitas pelos militares promotores da chamada Revolução Peruana (1968-1980), ele logo passou a crítico virulento da falta de liberdades públicas, da corrupção e da incompetência da ditadura.

Entusiasta da Revolução Cubana desde seus primórdios, decepcionou-se com o alinhamento de Havana à União Soviética, afastou-se do marxismo e passou a polemizar de tal forma com a esquerda radical peruana que, segundo sua avaliação na época, seria linchado se entrasse na universidade onde se formou.

Porém, as paixões políticas em seu Peru natal e as ameaças físicas a ele e sua família – a mulher, Patrícia, e os filhos, Álvaro, Gonzalo e Morgana, a que se somariam anos mais tarde noras, genro e seis netos –, sobretudo depois de sua frustrada candidatura à presidência da República, em 1990, a que foi arrastado a contragosto por uma série de circunstâncias, obrigaram-no a deixar o país com a mulher por um longo período.

Vargas Llosa, então, abandonou a rotina que tinha por base sua magnífica casa, de onde se descortina o azul do oceano Pacífico, recheada de belos quadros, equipada com piscina e dotada de um amplo escritório com ar-condicionado, onde ele continua mantendo

do, encadernadas, centenas de edições de suas obras traduzidas em mais de quarenta idiomas e sucesso em países tão diferentes como França, Finlândia, Brasil ou China.

Ali era o quartel-general onde, além de escrever, ele decolava para todo tipo de expedições profissionais – atividades tão diversas como presidir o Pen Clube Internacional (1976-1979), a maior organização mundial de escritores, pronunciar conferências na Holanda ou na Inglaterra, ou ser jurado do Festival de Cinema de Berlim.

Alvo de perseguições engendradas pelo vencedor da eleição de 1990, Alberto Fujimori, cujo governo autoritário desembocou numa ditadura corrupta e sanguinária, Vargas Llosa protegeu-se com a aquisição de uma segunda nacionalidade, a espanhola, e transformou em base operacional o apartamento que mantinha no bairro de Knightsbridge, em Londres.

Seu riquíssimo arquivo, com originais, rascunhos, anotações e tudo referente à sua obra, que conheci, extasiado, guiado pelo autor, ele protegeu doando-o à Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. “No Peru, minha casa está constantemente sujeita a ser destruída por um coquetel molotov”, disse-me em outubro de 2010, uma semana depois de ganhar o Nobel, durante sua passagem por São Paulo.

Mesmo antes do Nobel, o apartamento de Londres já fora passado adiante. O escritor residiu em Berlim, estabeleceu-se depois em Madri e, no segundo semestre de 2010, passou a morar temporariamente em Nova York, a cinquenta minutos de Princeton, em Nova Jersey, em cuja universidade ministrava dois cursos: um sobre técnica de ficção e outro sobre Jorge Luis Borges, uma de suas grandes admirações. Passa três meses por ano no apartamento de Madri e mais outro tanto na grande e confortável casa de Lima.

Estar um dia aqui, outro ali não constitui nada demais, com certeza, para um *globetrotter* que viaja incansavelmente há meio século e que escreveu boa parte de sua obra *on the road*. Só para ficar em alguns exemplos: seu excelente romance de estreia, *A cidade e os cachorros* (1963), foi escrito na Espanha e em Paris. A obra-prima *Conversa na catedral* (1969), talvez o mais profundamente peruano de seus livros, começou a ser gerado em Paris e recebeu seu ponto final em Londres. O divertidíssimo *Pantaleão e as visitadoras* (1973) veio à luz em Barcelona. *A guerra do fim do mundo* (1981) começou em Lima, estendeu-se à Bahia, seguiu em Londres e terminou em Washington. E, para citar apenas dois exemplos posteriores, o memorialístico *Peixe na água* (1993) tomou corpo em Londres e *Travessuras da menina má* (2006) em Berlim e Madri.

Não imaginemos, porém, que o escritor só frequente o charmoso circuito das grandes capitais do Ocidente. “O fato de meu filho Gonzalo trabalhar no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) me levou a conhecer mais de uma dezena de países em situação trágica”, contou-me ele. Mas, confessa: jamais viu horror semelhante ao que presenciou no Congo, onde se passa parte de seu novo romance *O sonho do celta*, lançado em língua espanhola no final de 2010, e no Brasil em 2011.

A obra é uma ficção inspirada na vida do diplomata britânico Roger Casement (1864-1916), que denunciou, sem repercussão proporcional ao que testemunhara, a barbárie que vivia o Congo sob a colonização da Bélgica e de seu rei Leopoldo II, ironicamente chamado o “Benemérito”.

O escritor percorreu durante duas semanas os confins da República Democrática do Congo e só presenciou doença, morte, destruição e desesperança. “Vi pessoas que não conseguem mais se levantar, tal o

grau de desnutrição e de devastação pela Aids. Elas não têm forças sequer para abanar as moscas que lhes invadem os olhos”, relatou. “O país está retalhado por milícias a serviço de interesses estrangeiros e de gangues que lhe saqueiam as riquezas, estupram as mulheres e matam a torto e a direito. Não existe governo, ordem ou segurança – e o pior é que não imagino como possa haver saída para o quadro pavoroso que constatei.”

A despeito de indignar-se com os males do mundo, Vargas Llosa continua levando na alma o Peru. Sempre teve com o país uma relação especialíssima – “Mais adúltera do que conjugal, cheia de suspeita, paixão e fúria”, como escreveu certa vez, de tal forma que, paradoxalmente, buscou distância para conseguir escrever sobre sua terra. “A distância purifica essa coisa tão complicada que é a realidade – a realidade imediata é uma imensa vertigem, que ao mesmo tempo produz exaltação e paralisia.”

Vargas Llosa é um homem formal, mas extremamente caloroso. Dias depois da entrevista para *Playboy*, recebi dele a gentileza de um agradecimento por meio de longa carta manuscrita. Passamos então a nos corresponder, sem regularidade. Ele autorizou que eu transformasse o imenso material de nossas conversas, que ultrapassou de longe as dimensões de uma revista, no que seria a primeira edição deste livro, *Conversas com Vargas Llosa* (Brasiliense, 1986), editado posteriormente em Portugal, França e, em excerto, na *Paris Review* de Nova York.

Para os países de língua espanhola, um editor da Flórida preparou um livro, *Sobre la vida y la política* (1989), reunindo a entrevista, ensaios do autor e fotos de sua trajetória. Voltamos a conversar quando da produção da obra – cujos direitos autorais deveríamos compartilhar, o que jamais aconteceu.

Acabamos rindo do calote numa das vezes em que nos reencontramos, em 1994, quando o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das